
UMA MANHÃ (DES)OCUPADA
[A TÍTULO DE APRESENTAÇÃO]

Wenceslao Machado de Oliveira Jr¹

Aquele professor chegava à escola na qual trabalhava há mais de vinte anos em meio a muitos pensamentos. Em frente ao portão tirou do bolso um papel onde havia colado um trecho da entrevista de Suely Rolnik que havia lido no início da semana sobre “a hora da micropolítica”. Nesse trecho pareceu a ele que encontrava pistas para conversar com seus alunos sobre a pergunta que eles lhe haviam feito na outra semana: “ocupar é resistir?” Militante histórico de partidos de esquerda, releu e pensou sobre se e quanto ele se identificava com o que estava ali escrito:

São práticas que incidem na dimensão micropolítica da existência coletiva e que não param de proliferar. Elas nos oferecem condições favoráveis para problematizar e ressignificar a palavra “resistência”, que ainda pode nos servir para qualificar a força das ações de desmontagem do intolerável, já que por ora não dispomos de uma palavra que tenha mais sintonia com o tipo de ativismo que vem sendo praticado.

Desde esta perspectiva, em lugar de dizer que sou de esquerda, ou melhor, a favor de um Estado mais justo e menos permeável ao neoliberalismo (que é o mínimo a que se pode aspirar), eu diria que me sinto parte de uma comunidade transnacional, informal, múltipla e variável, que compartilha um olhar micropolítico para detectar o intolerável e buscar formas de combatê-lo.

¹ Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, SP – Brasil - Editor científico – ETD-Educação Temática Digital. Email: wenceslao.oliveira@gmail.com

<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/06/07/suely-rolnik-a-hora-da-micropolitica/>

Levantou os olhos do papel e ao olhar o portão à sua frente notou que estava trancado. Elevou o olhar ainda mais e uma grande faixa com tinta ainda fresca dizia: “escola ocupada”.

Chamou os alunos que estavam sentados na escada interna da escola e pediu para entrar. Constrangidos e tímidos, os alunos – na verdade, alunas – disseram que não poderiam deixá-lo entrar. Ele insistiu educadamente. Elas foram se distanciando devagar, tímidas e decididas, enquanto ele se entristecia por ter sido deixado de fora, com o papel na mão. Insistiu novamente, de maneira mais enfática, lembrando a elas quem ele era, como as apoiara na conquista do grêmio estudantil, como esteve junto com os estudantes nas passeatas de 2013.

As meninas sentaram-se novamente mais ou menos onde estavam antes e o olhavam desconcertadas. Era nítido que o admiravam, mas não se moveram mais do que o suficiente para afastar aos poucos o intenso incômodo que se apoderou de seus corpos.

O professor sentou na calçada buscando também acalmar as sensações que se apoderavam de seu corpo diante do inusitado seguido de outro inusitado. Em meio a essa onda de suor e suspiro e pequenas dores e movimentos corporais uma pergunta foi se fazendo completa em meio a tantas palavras e frases que circulavam por aquele corpo-professor sentado na calçada: por que ele estava do lado de fora da escola? Por que ele não era tolerado dentro da escola ocupada pelos estudantes?

Dessas perguntas foram se desdobrando outras: o intolerável a que os estudantes resistem nas ocupações seria somente o das decisões do Estado de reorganizar as escolas em São Paulo, de privatizá-las em Goiás, de reformá-las no país inteiro sob o novo decreto sobre o Ensino Médio, da emenda constitucional que congela por vinte anos os gastos públicos em educação, saúde e assistência social?

Esses intoleráveis provenientes das macropolíticas que incidem na educação brasileira não teriam sido somente um disparador comum que agenciou uma multiplicidade de outros intoleráveis capilarizados nas relações cotidianas das escolas? O intolerável da meritocracia, o intolerável do

racismo, o intolerável da homofobia, o intolerável do machismo, o intolerável das políticas inclusivas que excluem os incluídos, o intolerável das políticas exclusivas somente para alguns, o intolerável da nota individual que mina o aprendizado coletivo, o intolerável dos espaços fechados ou reservados, o intolerável do tempo inteiramente demarcado pelo relógio, o intolerável...

Nesse mesmo plano das micropolíticas que atravessam as escolas brasileiras, esses intoleráveis vivenciados pelos corpos-estudantes não encontrariam corolários nos corpos-professores? O intolerável das salas de aula lotadas, o intolerável descaso e violência dos alunos em relação ao saber escolarizado, o intolerável da judicialização do cotidiano docente protagonizada pela ascensão do Escola sem Partido, o intolerável do apostilamento do percurso curricular pelos sistemas privados e públicos de livretos descartáveis, o intolerável da produção de evidências para mero controle do Estado, o intolerável do adoecimento constante por doenças físicas e mentais, o intolerável dos baixos salários e das greves intermitentes para que não abaiquem ainda mais, o intolerável da desqualificação operada pelas mídias massivas, o intolerável...

Todos esses intoleráveis compõem linhas que atravessam a escola e a configuram como um lugar onde a vida é restringida em suas possíveis variações, onde a vida é regulada para que sirva principalmente aos que toleram esses intoleráveis: os que se beneficiam ou acreditam (irão) beneficiar-se deles. Há sempre indivíduos e grupos que se empoderam através de alguma ou várias dessas e de outras linhas intoleráveis de subjetivação. No esperneio contra o intolerável que me afeta, corpo-professor, agencio restrições aos corpos-estudantes. No esperneio desses últimos, sinto o medo avançar sobre meu corpo-professor ao ver desfigurarem-se meus poderes de restringir justamente para a vida voltar a fluir naqueles corpos-estudantes. E agora, José? Minas não há mais, diria Drummond, ao ver meus olhos arregalados diante do paradoxo que o retrato na parede me traz: o intolerável deles, a quem investi e invisto tanto cuidado e atenção, não é o mesmo que o meu. Mas é também o meu! O retrato oscila na parede, a morro que antes emoldurava Itabira também já não há mais: retiraram aquilo onde eu acreditava estar fundada a cidade, a civilização, a escola. Meu corpo oscila e gaguejo. Ma, ma, mas... e como a frase não encontra sequência, grito: porra! Silêncio à minha volta. Todos ouviram. De alguma forma souberam que meu “porra” não fertilizava nada porque o território para onde direcionei o jato não existe mais.

O professor então lembrou-se de outra leitura recente, o Livro do Ano de 2016, do Prêmio Jabuti: *A resistência*, de Julián Fucks. Nele havia lido algumas frases que o tocaram como se ele próprio as houvesse escrito: *Que o corpo, quando grita, aproxima-se do cerne muito mais do que a razão, pois o corpo é mais urgente, não vê razão na continência, não perde tempo em mentir. Foi, no entanto, com a razão que o aprendi, e desde então é sensível meu fracasso em sentir, desde então cada grito do corpo apenas me intriga.*

Silêncio, gagueira e grito pairaram no ar por um tempo indecifrável. Ao primeiro respirar fundo o corpo-professor senta e observa ao seu redor o fervilhar de vida que ali se dava. Das paredes antes lisas lhe chegaram cartazes com frases que já havia lido, escrito, falado e gritado tantas vezes: “em defesa da educação pública e laica...”, “sem democracia não há liberdade...”. Suspira aliviado. Continua a ler e descobre que após as reticências as frases desviavam-se de seus escritos, falas e gritos. Ele lê (eu leio): “... cotas raciais já”, “... ocupa tudo”. O alívio se desfaz, o paradoxo se recoloca. Não há mais nem a morro atrás da cidade de Minas nem o mundo no qual tudo fazia sentido ao ler, escrever, falar e gritar a favor da relação entre público e laicidade, entre democracia e liberdade. O professor deixa de ler e passa a observar os corpos jovens ali à sua volta, agitados, sorridentes, atônitos. Repara que, talvez, estivessem todos angustiados como ele com a ausência de um morro ao fundo da cidade, com a ausência de um fundamento sob a educação e a civilização.

Repara melhor e pensa que, talvez, essas coisas nem passavam pelas cabeças da maioria daqueles corpos e que isso se dava, talvez novamente, porque aqueles corpos se antecipavam às suas cabeças. Eles já eram a política! Ali, nas muitas dúvidas e desassossegos que atravessavam aqueles corpos jovens, se agregavam também uma constelação de sensações e desembaraços que os impulsionava a agir meio que na corda bamba. Mais que isso, agiam numa rede cheia de linhas e nós irregulares; linhas e nós que oscilavam com o próprio agir daqueles corpos; mais que isso, as linhas e os nós se configuravam nos próprios corpos: eram eles a rede. Ali se dava todo fundamento da ação que, a rigor, não fundava nada, pois oscilava todo o tempo. Inventavam coisas a todo tempo, muitas delas para serem rasuradas a seguir, deixando apenas fagulhas do que foram naqueles que foram afetados por elas, renunciando que elas permanecem ali como potência não

realizada, em meio ao roer de unhas e mexer dos pés, em meio às palavras de ordem e aos desvios delas mesmas, em meio a necessidades fisiológicas e urgências políticas e desejos sexuais e..., em meio a... em meio a... em meio a algo que, no limite, acontece ali pela primeira vez, com parâmetros frouxos e destinos incertos, fazendo com que estar ali produza a sensação de estar sempre no meio de uma busca que, ao corpo-professor, pareceu ser insistentemente ética. Ele se lembrou de outro trecho da entrevista de Suely Rolnik:

O que orienta este olhar é uma bússola ética, cuja agulha aponta para tudo aquilo que impede a afirmação da vida, sua preservação e sua expansão. Essa mesma bússola é a que orienta tal comunidade flutuante em seus modos de agir.

Estes consistem em atos de criação que vão redesenhando os contornos do presente, de maneira a dissolver os pontos em que a vida se encontra asfixiada; neste sentido, agir é muito distinto de reagir por oposição. E se o que a sufoca abrange, evidentemente, o âmbito macropolítico, certamente não se restringe a ele. Para que o termo “resistência” recupere seu valor, é preciso que ampliemos seu sentido, tradicionalmente associado à noção de esquerda e que, portanto, restrinja-se ao âmbito macropolítico onde esta atua. Há que ativar seu sentido micropolítico, o que torna seu objeto muito mais amplo, mais sutil e mais complexo do que o das lutas no âmbito do Estado – principalmente quando seu foco tende a reduzir-se à conquista e à conservação do poder macropolítico. No lugar disso, o que temos que conseguir é a dissolução do poder da micropolítica reativa do capitalismo globalitário, que abarca todas as esferas da vida humana. E aqui já não se trata de um combate pela tomada deste poder, nem tampouco se faz por oposição ao mesmo ou por sua negação, mas sim de um combate que se trava por meio da afirmação de uma micropolítica ativa, a ser investida em cada uma de nossas ações cotidianas, inclusive aquelas que implicam nossa relação com o Estado, quer estejamos dentro ou fora dele. Não será exatamente isso o que está acontecendo com a proliferação desse novo tipo de ativismo?

<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/06/07/suely-rolnik-a-hora-da-micropolitica/>

Um rumor nos seus ouvidos sussurrava a probabilidade de estar ali uma dessas comunidades flutuantes, configurada ali exatamente na emergência de um novo tipo de ativismo. Ali não estava uma comunidade construída sobre a pedra (as meninas não sabiam propriamente o que fazer...), mas uma comunidade cujo comum se faz nas resistências aos múltiplos intoleráveis que atravessam a educação contemporânea, não somente no Brasil. Seria, então, a esses intoleráveis que respondem as múltiplas resistências que afloraram, afloram e aflorarão nos corpos individuais e coletivos que são afetados por eles? Corpos que estão resistindo contrariamente à permanência de um ou muitos desses intoleráveis e, ao mesmo tempo, resistindo afirmativamente ao criar escapes a esses intoleráveis através da abertura a outras sensações e relações com seu próprio corpo e com os corpos sociais onde habitam?

O professor segue pensando em meio a suas dúvidas e descobertas: as resistências se afirmam de múltiplas maneiras, agenciadas pelo intolerável a que resistem, ao criarem outras linhas em meio às linhas preexistentes de subjetivação?

Clicando em seu celular, o professor adentra o Facebook, detendo-se na leitura das postagens nas muitas páginas de ocupações escolares:

Sou estudante (...) e participei diretamente das ocupações do ano passado, e digo, ninguém quer ocupar, fazer uma ocupação em uma escola não é legal, não é divertido, não é zoeira como todo mundo fala, é tenso, é tedioso, é dias de muito medo, é uma puta responsabilidade, não é fácil lidar com a repressão da direção e da polícia, então afirmo para todos, ninguém quer ocupar, entretanto vivemos em um momento difícil, em um país onde a educação e saúde não são prioridades. Eu não sei vocês, mas eu não sou rica, minha família não tem plano de saúde e não posso pagar uma escola particular, cada um vive em uma realidade, mas não podemos esquecer que no mundo não existe só a gente, temos que pensar mais nas pessoas.

(Postagem da página “Não fechem minha escola” do Facebook)

Participar de uma ocupação não é ficar batendo papo de pernas pro ar e impedir os professores de ministrarem suas aulas, nem um período de férias para ficar em casa assistindo filmes

e colocando as séries em dia, ou muito menos é coisa de pessoas sem serviços e desocupadas (como muitos dizem). Estar em uma ocupação não é somente ocupar um espaço, é estar ocupado!

(Postagem da página “Ocupa IGC” do Facebook)

Múltiplos sentidos para o verbo ocupar estavam sendo gestados nessas novas experiências vividas pelos corpos-estudantes: a língua também revivia-se ali, no ciberespaço ocupado. Mas não só nele os verbos ocupar e resistir estavam sendo revividos com força na sociedade brasileira: parecia mesmo que esses verbos haviam sido engolidos e incorporados, que era nos corpos que estavam sendo reinventados os seus sentidos e sem sentidos.

Nos vídeos e fotografias que apareciam em sua telinha mostravam que uma das resistências mais comuns nas ocupações se dava no combate ao intolerável que se manifesta nas linhas de subjetivação por sexo-gêneros. Aí, entre as linhas de sexo-gênero, inseriram-se linhas que, num primeiro momento, deslocaram os corpos masculinos e femininos para outros gestos e objetos que antes raramente compunham esses corpos: meninos varrendo e cozinhando, meninas capitaneando assembleias e intervenções na rua, meninos lavando banheiros e meninas escrevendo panfletos com palavras de ordem e sendo porta-voz do grupo frente à polícia. Às vezes, esse primeiro momento se perpetua e novas linhas duras se criam, fixando meninos e meninas numa nova dupla de linhas de sexo-gênero; as vezes, aos poucos ou abruptamente, esse primeiro momento foi-se fazendo esdrúxulo, insuficiente, risível, tão intolerável quanto as linhas de sexo-gênero anteriores e explodiram a si mesmas criando linhas a que poderíamos denominar trans. Trans porque atravessam transversalmente atividades, objetos e corpos, fazendo-se linhas trans-gressoras, desviantes de qualquer fixidez ativada pelo sexo-gênero de um corpo individual ou coletivo. A presença dessa linha trans pode ser notada quando, ao invés de somente meninas e meninos, passam a habitar aquele lugar-escola também um enxame de meninxs, convivendo com os meninos e meninas que já não mais possuem os mesmos contornos subjetivos, fazendo com que transfusões de signos entre os corpos tornem-se mais frequentes justamente por serem menos restringidos. Segue se perguntando o professor sentado na calçada: se as transfusões de signos são mais frequentes é provável que a variação da vida ali se torne mais intensa e mais comum?

Também em sua telinha de celular o professor descobre que na última ocupação da Reitoria da Unicamp, a essa resistência ao intolerável promovido pelas linhas de subjetivação de sexo-gênero associou-se a resistência ao intolerável estabelecido pela linha do racismo. Mulheres negras ocuparam as mesas de negociação como forma efetiva de dar visibilidade a esses combates afirmativos, promovendo a re-existência desses corpos negros e femininos que já habitavam a universidade ao desloca-los em seus espaços e poderes: resistir tomado como um existir de outra maneira, um existir inventado para que outros possíveis modos de habitar possam configurar novas linhas de subjetivação.

Mais uma vez corpos, não só palavras...

O professor desligou o celular e ergueu novamente os olhos para a escola diante dele. O sol batia de leve na fachada; releu as faixas e, de relance, encontrou, atrás delas, as familiares janelas do prédio tombado: limpas e com a pintura verde descascando. Desceu o olhar para as meninas que estavam do lado de dentro do portão; sorriu desajeitado. Colocou o celular no bolso e encaminhou-se para o bar do outro lado da rua.